

Procurarei o rizoma, o labirinto, a interconexão, o múltiplo
olhar sobre os corpos, a coisificação, a ambiguidade, as
folhas de eucalipto
sobre as murtas, as raízes recuperadas, as histórias enoveladas,
os retomares da terra, dos grãos dispersos, da desolação;
procurarei a tenrura
debaixo dos lábios cortados, sob nevadas ariscas, dédalos ausentes;
procurarei o medo, as tocas
da alimária, os dentes das réstias
dos alhos milenares, a rugosidade, a torta, a doçura
do arroz, a carapuça vermelha, a ratinha cinzenta;
e sou uma chave
sobre o tempo, a bota do ogre, as sete léguas, os cabritinhos perdidos,
as raízes do povo, o hipertexto, o patriarcado desfeito,
a sêmola de arroz;
e procuro as horas, o remanso aparente, os mundos paralelos, o relógio sereno,
a sala de lisboa;
e sou arca grande, tulha de esperança,
the gold box, caixa de pandora;
e sou cuspe sobre o lume, punhado de terra, monte
de sal, luminoso abatimento;
e rebento as verrugas
das bruxas aldrabadas, os remendos de Oz,
os nove sapatos, princesas de veados, revoluções
de ocasos;
e procuro a estrela
deitada sobre o tempo, a bandeira queimada,
a fogueira das sobras, os restos inteiros;
e sou rumor, passos afastados, unhas despistadas, retalhos de tédio;
e sou tarde de domingo, caixa de surpresas, sábadó radiante, colchas de recordações,
rendimentos infames;
e já volta o avô, os sapatos grandes, a espuma de barbear, o after shave, a menta
sobre as rodas, os rodízios apaixonados, a colheita dos cogumelos, o gato das botas,
os dolmens antigos; e sou pedra fincada
no caminho, e desço aos subterrâneos, e procuro o rizoma,
a toca de Alice,
o caramelo de anis.

Da série “White Rabbits”

Os palácios da dor. O tremor da terra debaixo dos pés.
As escavações subterrâneas (esvaem-se os sonhos
como pombas de cristal). Os terrores na loucura
mais profunda. As ânsias da neve. As serpentes ardeiras
que morderam o corpo (ai coração
nas falésias do tempo!). O ovo primigénio. Os tesouros
escondidos nas ruínas. As éguas vigilantes. Os bisontes
derrotados. As folecas miúdas. As torres de marfim
e de antílope (voltou o caçador na procura
dos últimos
esvoaçares da tenrura; memória sinistra).
Os couros e os metais. As moradias novas
batidas pelo vento. A luz da amanhecida
que surge. As esporas do dente de leão que se
misturam
com os últimos remoinhos
de enxofre. As vasilhas estilhaçadas
na batalha. O corpo que morre no palácio profundo.
O crime
ainda próximo. A lentidão da neve. Os olhares
traidores desde o longínquo. Os punhais abandonados
entre os quintais (ainda o sangue sem mácula).
Os tecidos que esganaram
as aves. A felonia que sempre dormirá
na mente do caçador. As penas tingidas
de vermelho. Os gritos sufocantes.
Horas estranhas
de revelação, de ruína, de incenso profundo.

Ai penumbra secreta...

Do peito surgirá
ferida maldita.

Do libro *Neve*